A ÚLTIMA EXPEDIÇÃO HEROICA: AS REPRESENTAÇOES DA NATUREZA NOS RELATOS DE VIAGEM DO *ENDURANCE*

Renato Ricardo Schnell Junior (BIC/Fundação Araucária/UEPG), Alessandra Izabel de Carvalho (Orientadora), e-mail: ale.marumbi@gmail.com .
Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de História.

História, História Moderna e Contemporânea.

Palavras-chave: Natureza, Antártica, Expedições, Ecocrítica.

Resumo
A partir do ano de 1901, muitas expedições foram realizadas com intuito de estudar o magnetismo antártico, o que deu margem a uma corrida pela conquista de grandes feitos para suas nações. Entre essas viagens, houve a do *Endurance*, cuja história se transformou em uma epopeia de uma intrínseca relação humana com a natureza antártica. Esse trabalho teve como objetivos analisar as representações de natureza nos relatos dos marinheiros envolvidos nessa expedição. Há nessas fontes um conjunto de indícios de como se davam as interações entre a sociedade e aquela natureza, os quais foram analisados a partir do cruzamento dos referenciais teóricos da história ambiental e da ecocrítica. Além disso, o projeto buscou analisar como esses fatos foram noticiados aqui no Brasil, ou ainda, que imagem da Antártida era criada e projetada pelos jornais. Por fim, a pesquisa teve por intuito problematizar como a visão sobre a natureza descrita nos relatos constituem como uma herança histórica adquirida no decorrer dos séculos.

Introdução

Desde a revolução cientifica no século XVII, o mundo sofreu modificações consideráveis, a ciência se consagrou e se elevou a uma busca continua de conhecimento. A sociedade ansiava por conhecimento, e em meio a essa herança deixada pelo século XVII, foi que durante o XIX, as atenções se voltaram para estudar o magnetismo e seus polos, ou seja, o Polo Norte e o Polo Sul.
Várias nacionalidades se destacaram em busca de conhecimento e conquistas no Polo Norte, entre elas a inglesa. Contudo com a passagem do século XIX para o XX, os ingleses já a algum tempo idealizavam expedições para o Polo Sul.
Assim no ano de 1901 iniciasse o fenômeno denominado de Idade Heroica da ciência Antártica. Depois de alguns anos o maior dos objetivos das expedições havia sido conquistado pelos noruegueses, a conquista do Polo Sul. A partir dessa derrota o capitão inglês Ernest Shackleton sai em busca de uma última conquista, cruzar o continente. Assim em 1914, Shackleton zarpa com o navio *Endurance*, e uma tripulação de 27 marinheiros para atravessar o continente. Contudo a missão não se concretizou e os marinheiros acabaram ficando presos nos mares congelados, e ao perderem o navio, esmagado pelas fortes pressões, foram obrigados a caminharem sobre as banquisas de gelo até as ilhas que ficavam a milhares de milhas de distância a procura de resgate. Essa situação colocou os marinheiros em um intrínseco contato com a natureza.
É a partir deste contato que o trabalho se desenvolve, tendo como objetivo principal compreender historicamente, como a relação sociedade e natureza representadas nos relatos da expedição do *Endurance*. Além disso, analisar como a natureza é descrita pelos marinheiros a partir do cruzamento da História ambiental e da Ecocritica, duas áreas que buscam uma maior compreensão do lugar na vida

humana. E por fim a partir de uma breve analise em jornais do período, observar como a expedição repercutiu aqui e que imagem de natureza ela transmitia.

Materiais e Métodos

Este projeto se desenvolveu principalmente através da participação no Laboratório de pesquisa em Memória, Cultura e Natureza. As reuniões do laboratório permitiram não apenas a aproximação com trabalhos de indicações bibliográficas, mas também o aprofundamento em algumas questões importantes para este trabalho. Como por exemplo, o que se refere à história ambiental, suas necessidades e possibilidades. Além disso, os estudos envolviam uma ampla gama de conteúdos como as linhas de pensamento cartesiano e sistêmico e muito mais.

No que se refere às fontes deste projeto, elas se constituem como obras dos próprios tripulantes que foram registrados pelo capitão em seu livro ou outro autor contemporâneo utilizou em sua obra. Entretanto, muito do conteúdo encontrado está em outro idioma, questão que levou a análise a ser um pouco mais custosa, devido a necessidade de tradução. A obtenção de obras dos membros se constituiu um importante achado, enriquecendo o trabalho e lhe dando a base necessária para a sua realização, sendo então complementado como as demais obras encontradas.

Junto as fontes, houve a pesquisa por edições de jornais do período que tivessem alguma matéria acerca dos acontecimentos do *Endurance*. Para chegar até esse material foi necessário navegar pelo site da Hemeroteca Digital Brasileira.

Durante esse ano de realização do projeto diversas obras foram pesquisadas nos mais diferentes sites e acervos. Após a coleta dessas obras, a leitura e a analise buscaram delimitar as que apresentavam maiores possibilidades para o projeto, excluindo assim as que não apresentavam pertinência ao tema ou a metodologia do trabalho. As obras coletadas demostram grande interdisciplinaridade, principalmente entre trabalhos da geografia e da biologia. Assim como também apresentam uma carga inovadora devido as possibilidades oferecidas pela ecocrítica.

Resultados e Discussão

Desde o século XVII, o mundo vinha sofrendo mudanças consideráveis, principalmente no que se refere ao desenvolvimento das ciências e a noção de natureza. Exemplo disso pode ser destacado o interesse científico que movimentou o mundo até séculos depois, e o surgimento de teorias sobre a natureza. Entre elas o Paradigma Cartesiano, trazia uma concepção que separava dois fundamentos absolutos, a mente e o físico. Outra interpretação para esse dualismo é entre a natureza e o humano. No século seguinte e diante a limitação do dualismo cartesiano outro pensamento começava ser formulado, e mais tarde seria denominado de pensamento Sistêmico, e a matriz desse pensamento seria Alexander Von Humboldt. Diferente do que insiste o Pensamento Cartesiano, o Pensamento Sistêmico pensa a natureza como um conjunto vivo onde o todo molda as partes e não o oposto.

É diante dessas duas matrizes de pensamento que o mundo se encontra no início do século XX, onde a natureza ainda se mantinha uma incógnita a ser descoberta. Como destaca o sociólogo Marcelo Fetz (2011), a partir da primeira metade do século XX nota-se uma mudança no mundo, onde os valores são invertidos. Relacionando com o dualismo, este havia deixado uma herança muito poderosa, e a busca por dominar a natureza e conquistar para suas nações era legitimado. Vale lembrar que o período é marcado por imperialismo e a partir disso, como coloca Fetz, a ciência através da lógica do conhecer e dominar, é instrumentalizada e ao

mesmo tempo que contribuía para a busca por conhecimentos científicos, também atuava como instrumento de expansão dos impérios.

A viagem do *Endurance* teve início no dia 08 de agosto de 1914, para o Capitão Shackleton, segundo seu relato, diante da inevitável conquista do polo pelos noruegueses era necessário pensar em outra possível conquista, e essa seria a travessia do continente.

Para compreender a representação da natureza, é preciso compreender o que significava a natureza para aqueles marinheiros. Para Yi-Fu Tuan (2012) o que define o desejo de determinada condição ambiental é uma construção social, política e cultural. Assim, como já destacado, e como Fetz apontou, existia uma forte influência para a realização e incentivo à participações, desde pelo próprio Estado, até as grandes instituições como a Royal Society. A partir desta ideia é possível pensar a questão referente aos marinheiros e suas escolhas de participarem da expedição. Como destaca Alexander: “Vários marujos a bordo do *Endurance* haviam sido antes pescadores do mar do Norte, uma das ocupações mais brutais que se pode imaginar.” (1999, pg. 35). Quando Alexander expõe uma breve contextualização sobre os tripulantes, o que se nota é a experiência marítima que todos detinham.

A partir de uma análise da Ecocritica, o tropo que se denomina como mundo natural, nos permite pensar a natureza como uma saída do que esses homens viviam em seu período. Lembrando que logo no início do século XX, a Europa vivia em um clima conflituoso que acabou se transformando em uma das maiores guerras da humanidade. Ou seja, mais do que uma busca por sucesso ou riquezas, a natureza antártica poderia representar um porto seguro para esses homens.

Nos dias após o aprisionamento, se mostraria para a tripulação os dias mais difíceis, como coloca o Capitão: “E então, neste domingo, 24 de outubro, veio o cruel ataque que, para o *Endurance,* representou o começo do fim.” (SHACKLETON, ed. 2002. Pg.116). No dia 27 de outubro, Shackleton escreveu: “E então veio o dia fatal – quarta-feira, 27 de outubro” (2002, pg. 120). Neste momento podemos recorrer ao que Yi-Fu Tuan nos apresenta em sua obra: “Paisagens do medo” (2005), o medo do isolamento e da exclusão, que desde muito tempo era utilizado como punição justamente por afetar diretamente nosso estado de espírito. E da tarde do dia 27 de outubro de 1915 à 30 de agosto de 1916 a tripulação foi obrigada a caminhar e dormir sobre as banquisas de gelo, sem nenhuma notícia do mundo externo, o que nos relatos ficam claro uma preocupação sobre como estaria a situação devido a guerra que havia eclodido pouco antes de zarpar. Nos relatos constantemente podem ser encontrados termos como “torturantes”, “assombrador”, expressões essas que a Ecocritica considera como expressões que destroem relações de familiaridade e afetividade pessoal. Sendo assim, podemos ter como resultados uma noção mais apurada de como a imagem na natureza derivada de uma herança historicamente, desde séculos antes da realização da expedição. E como essa noção intrinsicamente relacionada ao lugar social destes homens que dedicaram suas vidas para viagens marítimas está relacionado com as visões de natureza. Além disso, a natureza antártica que era sempre vista como algo surreal, para os tripulantes ela tinha um efeito direto, desde em sua saúde até no estado mentais, mais do que isso, ela podia representar desde uma conquista pessoal, até uma forma de redenção.

No que diz respeito aos noticiários sobre a expedição em jornais como “A federação” do Rio Grande do Sul e Correio da Manhã do Rio de Janeiro, apresentam uma comparação entre duas regiões brasileiras, além disso, ambos apresentam um

maior número de correspondências ao tema aqui pesquisado. Contudo, ambos os jornais apresentam um maior número de notícias após o ano de 1916, principalmente após o resgate da tripulação, destacando apenas questões mais superficiais antes deste acontecimento. Contudo no Jornal Gazeta de Notícias é possível observar uma maior atenção ao planejamento da expedição, e em algumas manchetes nota-se uma atenção especial na imagem da natureza antártica como uma incógnita, algo que destaca curiosidade, novamente se relacionando com um ideal de ciência.

Conclusões

Este trabalho permitiu não apenas adentrar neste mundo das pesquisas, mas descobrir futuros temas para trabalhos e possibilidades oferecidas pela historiografia. Entre essas possibilidades a do entrecruzamento com a literatura de viagem que. Além disso, os estudos no campo da História Ambiental e da ecocritica, e do trabalho conjunto entre elas, me permitiram buscar uma compreensão maior sobre os fenômenos relacionados à vida, à natureza e à sociedade. Em particular, os estudos acerca da história ambiental e a compreensão da importância do ambiente para a história não apenas constituem parte importante da formação como historiador, mas também como futuro professor. Certamente a partir deste trabalho e dos estudos acerca da relação entre sociedade e natureza, além de tudo que o trabalho possibilitou durante todo o ano, ajudaram a idealizar a pesquisa se que inicia agora, em que a construção da identidade a partir da natureza será colocada como objeto de análise.

Agradecimentos

Agradecimento à Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), por disponibilizar a oportunidade. Agradecimento também a Fundação Araucária por fornecer a bolsa do programa. Agradecimento ao departamento de História e principalmente a Professora Drª. Alessandra Izabel de Carvalho.

Referências

ALEXANDER, Caroline. **Endurance:** a lendária expedição de Shackleton à Antártica. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUMER, Franklin L. **O pensamento europeu moderno**. Vol. I Séculos XVII e XVII. Lisboa: Edições 70, sd. 1990.

CAPRA, Fritjof. **Ponto de Mutação, O**. editora Cultrix, 1998.

FETZ, Marcelo. Expedições científicas no século XIX**:** o universo da ciência e a diversidade cultural. Cadernos de Campo**: Revista de Ciências Sociais**, v. 14, 2011.

LARSON, Edward J. **Um Imperio de gelo: Scott, Shackleton e a Idade Heroica da ciência na Antártica**. [trad. Camila Werner]. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos avançados**, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

PINTO, Francisco Neto Pereira; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. Contribuição da ecocrítica ao ensino de literatura. **Litterata:** Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões, v. 3, n. 1, p. 36-49, 2013.

SHACKLETON, Ernest. **Sul: A expedição polar mais famosa da história**. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, 2002. Coleção mundo a fora.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. [Trad. Lívia Oliveira]: Londrina: Eduel, 2012.